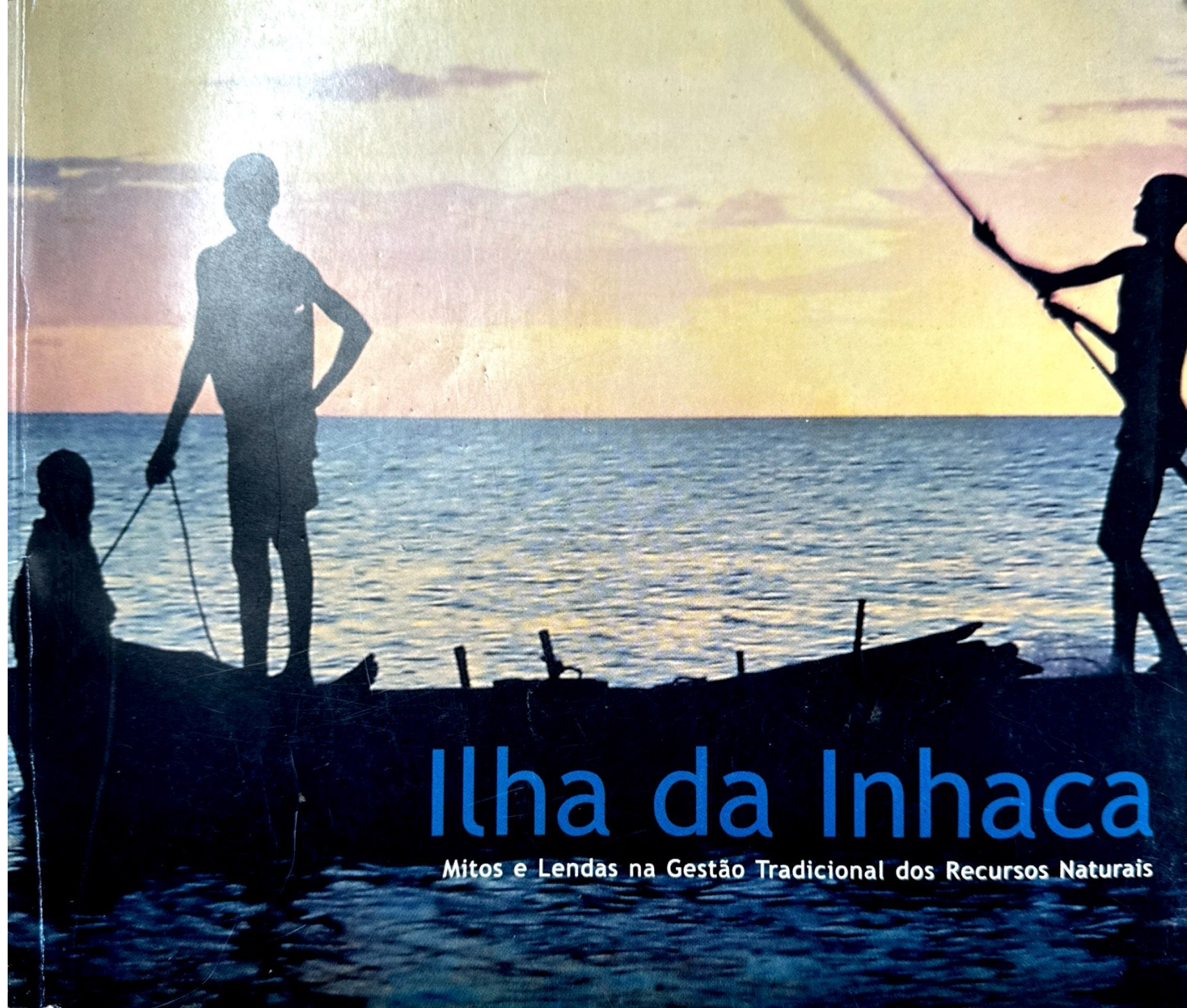




Ilha da Inhaca

Mitos e Lendas na Gestão Tradicional dos Recursos Naturais

Agradecimentos

À Cooperação Suíça pelo inestimável apoio.
Num momento em que vão escasseando apoios a acções
de pesquisa mais queríamos exprimir a nossa gratidão.

À Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
(FLAD) pelo apoio à presente reedição.

Ao Departamento de Ciências Biológicas da Universidade
Eduardo Mondlane, em particular à Estação de Biologia
Marítima da Inhaca.

À Promarte por ter disponibilizado imagens inéditas da
Ilha da Inhaca, ao Paul Dutton pela fotografia da capa e à
Banana pelo apoio indispensável no arranjo gráfico do
livro.

A Impacto dedica este livro a todos os anciãos da Inhaca,
que ainda mantêm viva a memória do seu povo. Em
particular, a Zacarias Tembe, Luciano Sambo e Fernando

Ficha Técnica

Edição	Impacto - Projectos e Impacto Ambiental, Lda
Coordenação Geral	Mia Couto
Assistente na Coordenação	John Halton Michéle Souto
Equipa Técnica	Adriano Macia Lourenço Covane Francisco Mapanga Domingos Gove Salomão Bandeira Carlos Bento Almeida Guissamulo
Equipa de Anciãos	Evenisse Nhaca David Nhaca Lúcia Nhaca Petros Nhaca David Chaincomo
Fotografias	Chico Carneiro Adriano Macia Mia Couto Michéle Souto
Ilustrações	Viriato Chiconela
Arranjo Gráfico	Michéle Souto Paulo Gonçalves
Editora	Ndjira
Impressão	Ciedima



Índice

Introdução	1
A História da Inhaca	3
Mitos, Lendas e Tradições	11
As Condições Naturais da Ilha	17
Animais: Superstições e Usos	25
Exploração dos Recursos Naturais	31



Scanned with CamScanner

INTRODUÇÃO

Os povos de Moçambique possuem um património rico de conhecimentos sobre flora, fauna e as leis da natureza. A sabedoria e experiência no uso dos recursos naturais são parte integrante da cultura moçambicana.

Contudo, este conhecimento profundo e secular mostra-se "invisível" a olhos exteriores como os das entidades que concebem e executam projectos de desenvolvimento. Muitas vezes acontece que no processo de desenvolvimento económico se ignora e se exclui a preservação deste património.

As tradições regulam grande parte do comportamento social e a exploração do meio ambiente, sendo nas zonas rurais como a Ilha da Inhaca onde sabedorias antigas mantêm a sua dinâmica.

Este conhecimento encontra-se recoberto de mitos e superstições. Certos rituais, cerimónias e tabus são ainda hoje a "lei ambiental" que gere o uso sustentável e a conservação de recursos vegetais e animais.

Apesar da sua proximidade com a capital, na Inhaca sobrevivem ainda valores que nas restantes periferias de Maputo foram já profundamente perturbados pelo processo de urbanização.

Neste livro se reúnem mitos, superstições e práticas tradicionais que compõem a história e a sabedoria indígena dos habitantes da Ilha da Inhaca.

Algumas das lendas e conhecimentos referidos são memórias que tomam aqui a forma escrita através de lembranças compartilhadas pelos mais velhos habitantes da ilha.

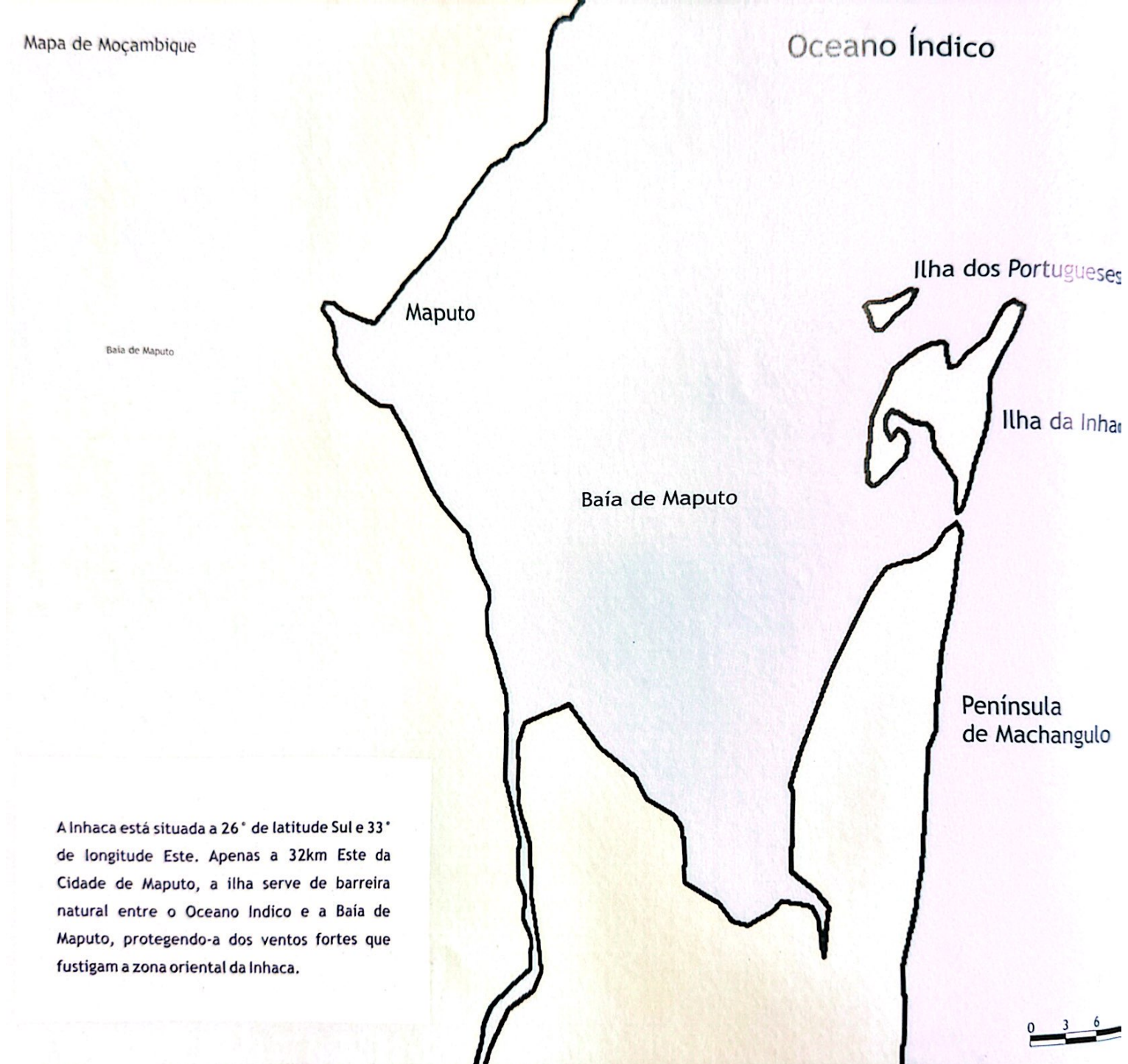
Uma das intenções desta publicação é mostrar como é vital que se consulte a

realidade cultural e se dialogue com as sabedorias locais. Só através desse diálogo se assegura a eficácia da intervenção dos que, partindo da cidade, pretendem actuar no campo.

Que este pequeno livro sirva de "ponte" ou ponto de sensibilização entre universos tão interligados e, ao mesmo tempo, ainda tão distantes.



O presente régulo da Ilha da Inhaca, Evenisse Nhaca, de 82 anos, é um dos descendentes directo do primeiro chefe da ilha.



A HISTÓRIA DA ILHA DA INHACA

Origem do Povo e o Poder Tradicional

Quando é que a Ilha da Inhaca passou a ser habitada e quando foi “descoberta”? Na memória colectiva dos actuais ilhéus estas referências estão quase perdidas. No entanto, alguns mitos e lendas transmitidas de geração em geração, remetem-nos para épocas remotas.

O primeiro dos grupos Bantus a povoar a costa em redor da Baía de Maputo foi o que hoje se designa por Tsongas. Este povo agro-pastoril trabalhava os campos e caçava para subsistência. Com a sua emigração para a costa, os Tsongas passaram também a tirar proveito da proximidade do mar.

A chegada dos primeiros habitantes à Ilha da Inhaca deu-se através da península de Machangulo, a extremidade no continente que quase toca a ilha.

Um conjunto de características naturais propícias facilitou o povoamento na Inhaca. Os pântanos situados entre as dunas eram fontes preciosas de água potável. Vários tipos de vegetação serviam para a construção de palhotas, barcos e armadilhas de pesca. As florestas forneciam madeiras, combustíveis, frutos e remédios naturais. As águas do mar abundavam em peixes, mariscos e crustáceos.

Este braço de mar que separa a Inhaca do continente é localmente conhecido por “bokene”, um aportuguesamento da palavra boca, por ali passarem as águas do oceano que alimentam a baía. Os primeiros habitantes da Inhaca atravessaram este canal provenientes de Machangulo.

Os habitantes que povoaram a ilha foram durante muito tempo liderados por régulos da dinastia Nhaca. Foi a denominação deste clã que deu origem ao nome da Ilha da Inhaca.

Em 1620, a Inhaca foi submetida ao reino dos Machavane, dominante em toda a região a Sul do Rio Maputo. Por volta de 1730, os Manganhela conquistam terras aos Machavane e tornam-se o clã representante na ilha. Isto levou o chefe Nhaca a ser substituído por Panguissa Manganhela, vassalo de Maputsu, o régulo de Machangulo. Este novo chefe governou com sabedoria, pois enquanto os Manganhela detinham o poder administrativo, os Nhaca, que eram os “donos” da terra, realizavam as cerimónias religiosas na ilha.

Na tradição destes grupos étnicos estas cerimónias eram, e ainda são dirigidas aos seus antepassados. Como os espíritos ancestrais da ilha pertenciam ao clã dos Nhaca, os povos invasores não interferiam nestes rituais sagrados.



A organização social do povo da Inhaca sempre se baseou em parentesco. Mesmo hoje em dia, a hierarquia do poder tradicional ainda encontra fundamento nas relações familiares com os antepassados. Deste modo os ilhéus garantem a eficácia e legitimidade do poder sobre o território.

Durante muito tempo o poder tradicional na ilha esteve representado pelo clã dos Manganhelas. Apenas com o advento da Independência e a abolição do poder tradicional, António Manganhela cessa as suas funções como régulo da Inhaca. Em 1994 os descendentes dos Nhaca reivindicam o seu antigo estatuto como "donos" da ilha, gestores do espaço e reguladores de conflitos.

O presente régulo, Evenisse Nhaca, foi escolhido pelo povo como seu representante tradicional na ilha. Mas, na actual realidade, esta forma de poder acaba por significar pouco mais do que um título. Antigamente, o régulo era consultado pela população em busca de conselho na resolução de conflitos. Aqueles que trabalhavam no continente ou na África do Sul traziam uma parte em dinheiro reservada para o régulo.

Hoje, existem já métodos de justiça institucionalizados na ilha e aqueles que partem para trabalhar fora muitas vezes não voltam.

Existem inúmeras histórias e lendas relacionadas com a evolução histórica dos ilhéus. Para muitos, a origem dos primeiros habitantes é contada numa lenda

sobre os que vieram do Norte. Esta origem pode ser sustentada pelo facto de os mortos na ilha serem enterrados com a cabeça virada para Norte: "De onde todos nós viemos".

Os Ilhéus contam também que os primeiros chegaram à deriva, arrastados pelas correntes devido a cheias no continente. Algumas pessoas que viveram na ilha, como Muhaho e a família Xinavane, resultaram dessa ocupação acidental.

A origem dos primeiros habitantes reflecte-se numa lenda sobre os que vieram do Norte. Esta origem pode ser sustentada pelo facto dos mortos na ilha serem enterrados com a cabeça virada para Norte: "De onde todos nós viemos".

Os primeiros povoadores da Inhaca teriam abordado a ilha a partir de uma jangada à deriva no mar.

Vieram do Norte

Veio um dia dar à praia da ilha, um homem quase moribundo, numa jangada feita de caniço e troncos. Depois de recuperar os sentidos numa terra estranha, o náufrago, de nome Nhaca, embrenhou-se na floresta onde encontrou frutos silvestres para saciar a fome. Durante muito tempo o náufrago explorou a ilha à procura de alguém. Foi numa caminhada em que atravessou o estreito canal que separa a ilha do continente, que Nhaca chegou a encontrar gente. Quando ele perguntou aos habitantes da zona de Machangulo a quem pertencia a ilha estes responderam-lhe que não tinha dono. Nhaca casou-se com uma mulher de Machangulo, mas logo regressou com ela à ilha.

O casal teve cinco filhos varões **Hobjane, Matlotloma, Nkalane, Xichuane, e Inguane**. Destes primeiros nomes sobreviveram os apelidos Hobjane e Nkalane. Os outros apelidos são apenas usados para identificar diferentes localidades e lugares da Ilha. À medida que a sua família aumentava, Nhaca dividia e distribuía terras pelos seus filhos com duas intenções. A primeira era assegurar o povoamento e chefia da ilha pelo seu clã, ficando ele como rei da Ilha e os seus filhos como indunas ou chefes intermediários. O segundo objectivo, era o de permitir que os seus descendentes casassem entre si, prática que ainda hoje prevalece na ilha. Os membros do clã Nhaca também cediam terra a pessoas que chegavam do continente, exigindo em troca o reconhecimento da sua autoridade na ilha.

Algum tempo depois de se ter estabelecido na ilha, Nhaca enviou uma mensagem a Maputsu, o régulo do continente, pedindo ser reconhecido por este. Assim iniciou-se uma relação formal de vizinhança. Os conselheiros ou madunanas do régulo passaram a visitar regularmente a ilha e, sempre que estes apareciam Nhaca oferecia cabritos que eram levados a Maputsu com a seguinte mensagem "Eu estou bem e saúdo-te, enviando-te esta pequena dádiva".

Perante a prosperidade dos habitantes da ilha, os madunanas de Maputsu abandonaram o bom relacionamento e passaram a atacar a ilha com a intenção de roubar a riqueza dos Nhacas. Para estarem protegidos e prevenidos contra estes assaltos os ilhéus consultavam os espíritos dos seus antepassados numa cerimónia conduzida junto a uma árvore sagrada perto do braço de terra que em tempos unia a ilha ao continente. Esta situação prevaleceu até que os Nhacas se submeteram ao régulo do continente.

Hoje em dia a árvore onde as cerimónias eram praticadas já não existe, sendo apenas visível parte do seu velho tronco, quase sempre coberto pelas águas do mar. Esta árvore de mangal (*Avicennia marina*) era muito respeitada pelos ilhéus e, conta-se também que o primeiro Inglês a visitar a Inhaca, Mr. Long, sempre que atracava o seu barco na Ponta Torres, depositava junto a esta árvore uma moeda para avisar os espíritos da sua presença na ilha.

Os Navegadores Europeus

Entre os anos de 1498 e 1502 passaram pela Baía de Lourenço Marques três frotas portuguesas rumo à Índia. A primeira frota foi a de Vasco da Gama em 1497/8, a segunda de Pedro Álvares Cabral em 1500/1 e a terceira de João de Nova em 1501/2. Embora não exista referência nos diários de bordo destes navegadores, é provável que a ilha tenha sido por eles avistada.

Em 1545, o português Lourenço Marques efectuou a primeira visita oficial na baía com o objectivo de pesquisar as possibilidades de comércio na zona. Esta prospecção provou ser bastante rentável através da exploração do marfim que se prolongou até princípios do século XVIII.

No mesmo ano, os portugueses estabeleceram um posto comercial na Ilha dos Portugueses, uma pequena ilha situada junto à Inhaca. A autorização para o estabelecimento deste posto foi concedida pelo chefe Nhaca, reconhecido pelos portugueses como régulo da Inhaca. Os interesses lusitanos baseavam-se na localização estratégica de defesa da baía que estas ilhas ofereciam.

Nesta altura, os tsongas passaram a actuar como intermediários no comércio de marfim entre os europeus e os zulus que habitavam terras mais a Sul.

Os navegadores britânicos, austríacos e belgas que, entre os séculos 15 e 19, visitaram ou passaram pela Baía de Lourenço Marques, tiveram provavelmente algum tipo de contacto com os habitantes da ilha. Contudo, foram os portugueses, o primeiro povo europeu a relacionar-se com os ilhéus.

No séc. XVII, este contacto deu-se também através de sobreviventes de naus

portuguesas naufragadas na costa Sul Africana que caminhavam pela praia para chegarem à Ilha da Inhaca. Estes naufragos encontravam bom acolhimento do régulo da Inhaca, sendo os ilhéus considerados pelos navegadores europeus como um povo bastante hospitaleiro, uma vez que alimentavam e cuidavam dos naufragos até o próximo barco por ali passar.

No séc. XVIII, na Ilha dos Portugueses, onde tinha sido estabelecido o posto de comércio de marfim e provisão pelos portugueses, mais metade da Ilha da Inhaca, foram "compradas" pelos austríacos. O primeiro objectivo da "aquisição" era de origem militar, com vista a controlar a entrada e saída de naus na Baía de Lourenço Marques. O segundo era o de estabelecer uma base para os seus interesses de comércio nesta região. Contudo, os austríacos foram além da construção de um armazém de madeiras que os portugueses destruíram em 1781.

Nos finais do séc. XVIII, os austríacos "compraram a Inhaca e a Ilha dos Portugueses. O acordo assinado entre os austríacos e o régulo da Inhaca relativo à "compra" destas ilhas, dizia:

"Quinta-feira, dia 19 de Outubro de 1778, ajustei e comprei Huacacano a Ilha de Xitimule e metade da Inhaca como do seguinte papel de ajuste e venda assinado às 5 da tarde sobre a praça onde levantamos a bandeira imperial e salvamos com dois petardos a quem Champagnet respondeu com um mosquete."

(In Processo de Inventário e Sequestro dos Países da Feitoria Austríaca de Lourenço Marques Diário de Guilherme Bolts, 1778).

Somente em 1822, é que os britânicos estabeleceram o posto comercial Melville, na Ponta Torres, no Sul da Ilha da Inhaca. O nome foi dado em homenagem ao almirante Melville, o qual enviou o comandante Owen numa tentativa de tomar sob o controlo dos britânicos a Baía de Lourenço Marques, por eles chamada de Delagoa Bay.

Entre fins do séc. XVI e princípios do séc. XVII, o comércio de marfim na Baía de Lourenço Marques servia-se da Inhaca como posto comercial, e dos ilhéus como carregadores do marfim que tinha de ser transportado da zona de Machangulo para a Ilha dos Portugueses.

Esta pequena ilha, que durante as marés baixas se encontra quase ligada à Inhaca, foi rebatizada várias vezes consoante as diferentes funções que desempenhou ao longo dos tempos.

Contam os velhos que, certa vez, nesta ilha apareceram elefantes, arrastados pelas cheias no continente e esta passou a ser chamada de Xitimule ou "Ilha dos Elefantes". Mas a pequena ilha não oferecia condições naturais propícias para os elefantes viverem, e estes partiram a nado ninguém sabe para onde. Outro aspecto que explica a origem deste nome é o facto da ilha ter servido de posto comercial para o marfim durante largos anos.

Mais tarde, os navegadores portugueses que por ali passaram mudaram o nome desta para "Ilha dos Portugueses". Esta serviu de cemitério para muitos portugueses vítimas dos primeiros naufrágios nestas paragens. No século XX, a ilha passou a ser conhecida entre os ilhéus de Guimbane, o que na língua local significa leproso. Este nome foi criado devido à leprosaria ali construída para isolar os leprosos do continente.

Em relação ao tráfico de escravos a partir da Inhaca há pouca memória, embora subsistam relatos fantasiosos de ilhéus que teriam sido raptados da ilha para serem vendidos como escravos. A lenda diz que os navegadores portugueses aliciavam os ilhéus a partilhar de festins realizados em terra e a bordo dos navios. Mas, uma vez aconteceu que, quando os nativos estavam já bastante embriagados, foram trancados no porão. Nesse dia, os espíritos dos antepassados impediram que houvesse vento, e o navio foi parar à Ilha da Xefina.

O caminho que
leva às ruínas da
leprosaria no
interior da Ilha
dos Portugueses.



A Inhaca de Hoje

O contexto histórico regional teve uma grande influência na dinâmica e estrutura do povo que hoje habita a Ilha da Inhaca. Os aspectos históricos que mais marcaram os ilhéus foram a presença e influência dos portugueses na ilha, a Independência de Moçambique em 1975 e a guerra civil que se travou no continente.

Língua

Hoje em dia a maioria da população da Inhaca continua a pertencer à etnia Tsonga, dentro da qual se destaca como Va-Ronga. Na ilha fala-se uma variante dialectal do Xi-ronga, a que os ilhéus chamam de "Chindindinhe".

População

O registo demográfico mais antigo da Inhaca data de 1950, altura em que esta era composta por apenas 1.960 habitantes. Durante o período de guerra que se iniciou em 1985, a Inhaca recebeu 4.500 pessoas provenientes da península de Machangulo. Este fluxo resultou numa duplicação da população que em



1990 se cifrava em 10.000 habitantes. Após o Acordo Geral de Paz assinado em 1992, grande parte dos deslocados regressou às suas zonas de origem e hoje, a Inhaca suporta novamente por volta de 5.000 habitantes.

Economia

As principais fontes de rendimento dos ilhéus são a pesca, a agricultura artesanal e o trabalho assalariado em estabelecimentos hoteleiros. A artesanal é a actividade mais praticada na ilha ocupando grande parte da população. No mercado da ilha, situado por trás do hotel, vende-se alguns produtos agrícolas produzidos em excesso e outros bens essenciais provenientes do continente.

O trabalho migratório para as minas e plantações de cana-de-açúcar na África do Sul tem sido uma fonte de rendimento importante para os ilhéus. Enquanto muitos homens viajam para a África do Sul à procura de emprego, as mulheres permanecem na ilha trabalhando nas machambas e na apanha de mariscos e moluscos na costa.

Muitos dos ilhéus, antes de partirem para a África do Sul à procura de emprego, são tradicionalmente vacinados com um preparado que inclui vitamina e gordura de baleia. Esta vacina tem em vista contribuir para o sucesso do indivíduo no estrangeiro. Acredita-se que a pessoa vacinada poderá atingir um nível de importância ou riqueza tão grande como o tamanho da baleia.



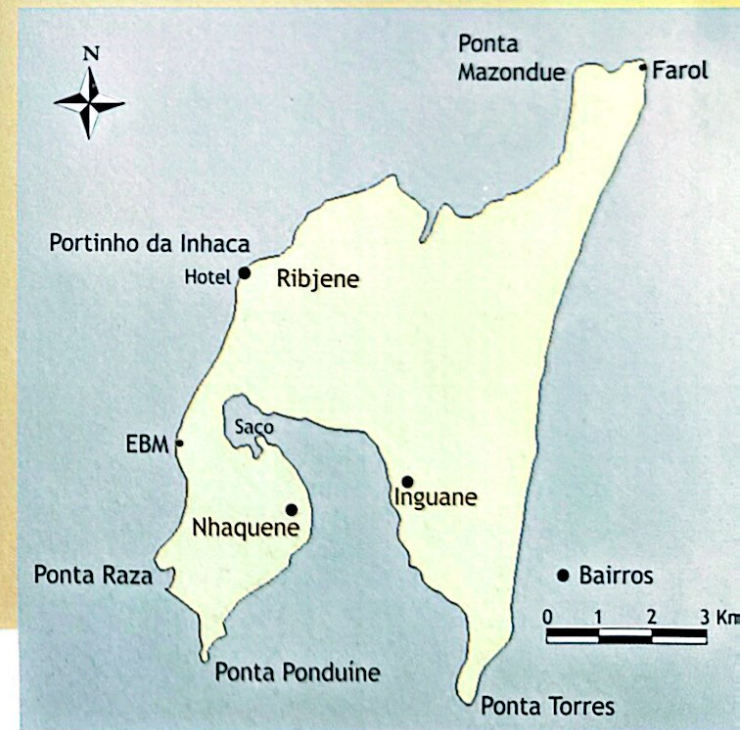
No Portinho da Inhaca está localizado o hotel que serve de foco para o turismo na ilha e dá emprego a muitos habitantes do bairro de Ribjene. Por trás do hotel existem alguns restaurantes e bares típicos. Espalhado pela ilha encontra-se outro tipo de acomodação mais básico.

Para além do seu potencial turístico a ilha é reconhecida também pela sua importância científica. A Estação de Biologia Marítima foi criada em 1951 para efeitos de estudo dos diversos habitats ecológicos existentes na ilha. A estação é chamada pelo povo como a "Zoba", um nome que ficou da altura em que esta estava ainda em obras. Por causa da proclamação de algumas florestas e zonas costeiras como reservas naturais existem conflitos entre a população e a Estação de Biologia Marítima relativamente ao acesso à terra para cultivo.



Os poços são a única fonte de água potável na ilha e são considerados "colectivos". Existe uma história que explica porque é que toda a população é responsável pela limpeza dos poços. Antigamente, os poços eram individuais e cada família ou comunidade tinha o seu próprio poço. Mas um dia, a avó de David Nhaca ao ir buscar água encontra a água do poço vermelha. Houve uma reunião entre família e vizinhos e todos concordaram que a água tinha sido envenenada. O régulo Panguissa, para evitar que a situação se repetisse, estabeleceu que todos os poços passavam a ser propriedade colectiva.

A Ilha da Inhaca tem cerca de 40 km², sendo a distância entre o extremo Norte (Ponta Mazondue) e o extremo Sul (Ponta Torres) de 12.5 kms. A distância máxima em largura é de 7 kms. Estas dimensões permitem que todas as localidades, reservas e diferentes habitats se encontrem, no máximo, a um dia de caminhada da zona do Portinho da Inhaca.





Scanned with CamScanner

MITOS, LENDAS E TRADIÇÕES DA ILHA

Como outros grupos Bantus, o povo da Inhaca acredita essencialmente na transformação das pessoas que morrem em "espíritos antepassados".

A morte é considerada parte de um percurso cíclico dos humanos. O corpo desfaz-se mas o espírito do morto torna-se antepassado e protector. Mesmo após a morte, estas pessoas continuam a mostrar interesse e a interferir na vida dos seus descendentes na terra. Esta transição não acontece caso as pessoas sejam enterradas sem os ritos funerários necessários que permitem a passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos.

Os elementos naturais predominantes nas lendas da Inhaca são as florestas, os pântanos e os animais do mundo terrestre. O contacto dos ilhéus com o ambiente marinho é historicamente recente e, por esta razão o mar é pouco representado na sua mitologia.

Como foi referido, os habitantes da Inhaca descendem de povos agro-pastoris que migraram para a costa trazendo consigo práticas e tradições de convívio com os recursos terrestres. Já noutras zonas costeiras de Moçambique, em que os povos possuem tradições marítimas antigas, existem histórias e lendas marcadas pelas águas do Índico.

Os ilhéus acreditam que o mundo dos espíritos é composto pelas seguintes entidades: o *nkulukumba xikwembo* (Deus), *tinguluve* ou *psikwembo* (espíritos antepassados), e a um nível inferior, os *xipocos* (fantasmas) que são gerados por feiticeiros.

Os ilhéus acreditam também na existência de dois tipos de almas. As almas clânicas e familiares. As almas pertencentes ao clã dominante dos Nhaca, habitam as florestas sagradas, e o seu poder se faz sentir na ilha sob a forma de secas, chuvas e pestes.

As almas familiares (*tinguluve*), permanecem junto dos vivos no *gandzelo*, uma árvore de fruto sagrada normalmente representada por um canhoeiro (*Sclerocarya caffra*), ou uma mafurreira (*Trichilia emetica*). Esta árvore encontra-se na maioria dos *mutis*, que são o espaço de habitação da família.

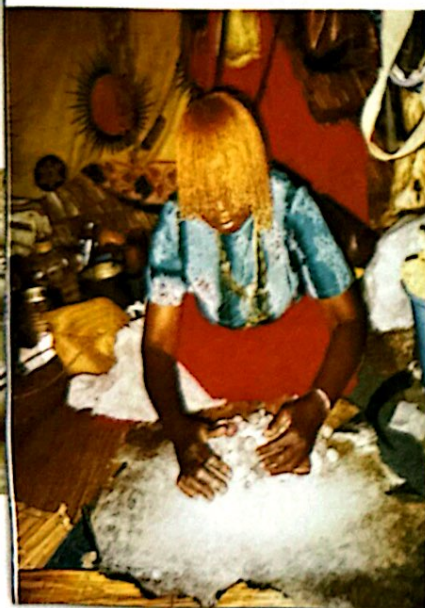
O "gandzelo" familiar dos Nhaca é representado por uma *Mphilo* (*Vangueria infausta*). Estas árvores são assinaladas com um pano branco (*palu*) amarrado ao tronco e um pote de barro na sua base. O pano simboliza uma capulana ou cobertor que serve para os antepassados se cobrirem. No pote depositam-se oferendas como *uputsu*, uma bebida tradicional feita de milho ou mandioca fermentada.



Esta árvore sagrada tem também um significado simbólico. As suas raízes mergulham na terra onde descansam os antepassados e por isso a árvore facilita a ligação com o mundo dos espíritos. As folhas e frutos situam a árvore no espaço aéreo, associado com os ciclos naturais da fecundidade, tempo, produção e chuva que, por sua vez, são controlados pelos antepassados.

Apenas o chefe de família - avô paterno, pai ou filho primogénito - tem competência para fazer pedidos e falar com as almas familiares (tingulve). Estes espíritos recebem notícias de acontecimentos importantes como casamentos, nascimentos, doenças e problemas sociais.

Quando a má sorte ou doença prevalecem os ilhéus recorrem aos curandeiros (nyangas) ou feiticeiros (chingomas) da ilha. Estes fazem o diagnóstico e fornecem o tratamento apropriado que pode variar desde preparados de plantas medicinais a exorcismos.



Uma curandeira utiliza o "mu-Nguni", a leitura de conchas, pedras e sementes, que serve de meio de comunicação com o mundo dos espíritos, para relevar aspectos da vida daqueles que a consultam e identificar os seus problemas.

As actividades dos curandeiros baseam-se essencialmente num conhecimento profundo da natureza e da sociedade, sendo o seu objectivo principal reajustar forças contrárias que influenciam a vida daqueles que os consultam.

Normalmente, o nyanga articula-se através do "mu-Nguni". Durante o ritual os espíritos comunicam com os vivos através da leitura de conchas, pedras e sementes, às quais foi previamente atribuído um certo significado. Deste modo, revelam-se certos aspectos da vida do indivíduo e as causas do seu problema. Seguidamente, os espíritos indicam ao curandeiro a solução ou tratamento mais adequado para o mal que aflige a pessoa ou família em questão.

Os tratamentos são feitos à base de vacinas tradicionais (kumuhlevela). Estas são aplicadas através de cortes na pele do paciente untados com preparado de óleo, cinzas e pós fabricados a partir de plantas e animais secos e pilados. Outro tipo de tratamento bastante comum são inalações de fumo de plantas medicinais queimadas (kuxivelela).

O "mu-Ndau" é utilizado por chingomas e funciona através de encarnação de espíritos. Durante esta encarnação os feiticeiros entram frequentemente em transe. Estes não têm o mesmo tipo de conhecimento sobre medicina tradicional que os curandeiros possuem mas são procurados pela população quando o mal foi gerado no mundo da feitiçaria.

Por exemplo, os ilhéus acreditam em certos espíritos perturbadores dos vivos como o "moloji", que aparece sempre à noite. A sua presença é revelada através de acontecimentos estranhos como passos no telhado, sons esquisitos e pesadelos durante o sono.

Cerimónias Comunitárias

A dependência humana dos recursos naturais tem sido exprimida em práticas espirituais deste tempos imemoriais. Ainda hoje, o povo da Inhaca recorre a rituais onde se invocam os antepassados. Durante estas cerimónias a acção mais comum é a kupatilha, ou o "patlhar" da terra onde foram enterrados os antepassados como um gesto de agradecimento. As cerimónias de carácter comunitário na ilha são normalmente dirigidas pelo régulo, alguns anciãos e por um feiticeiro. Sempre que hajam calamidades na ilha como secas ou mortes em grande escala, também se realizam cerimónias espirituais.

Muitos rituais caíram hoje em desuso embora memórias destes tempos estejam ainda presentes no espírito dos mais velhos. Os dias em que se realizavam certas cerimónias eram declarados feriados pois o trabalho não podia estar associado com este tipo de acontecimentos espirituais.

Durante o ciclo agrícola realizam-se algumas cerimónias como a da chuva no mês de Setembro que tem como objectivo favorecer as sementeiras, e a da frutificação do canhoeiro que é celebrada em fins de Janeiro.

Por vezes, alguns feiticeiros reúnem-se junto ao "Nwadeku", um barco afundado ao largo da Inhaca, para "adquirirem" sementes e tornarem as terras mais férteis. Este ritual consiste numa viagem feita em espírito até à Província de Inhamban, onde existem muitas sementes.

Cerimónia da Chuva

Esta cerimónia envolve o sacrifício de um cabrito preto em homenagem aos antepassados. A cor do animal significa a escuridão das nuvens quando estão carregadas de chuva. Os ilhéus dizem que quando a cerimónia é bem

conduzida, a chuva começa a cair antes dos participantes regressarem a casa.

Cerimónia do Canhu

Acerimónia da época do canhu, o fruto do canhoeiro, é a maior festa da comunidade. O chingoma consulta os espíritos e transmite as suas exigências ao régulo. A seguir o régulo, o chingoma e alguns anciãos dirigem-se à floresta sagrada de Manganhela onde se realiza a cerimónia. Com eles levam bebidas tradicionais e alguns animais como cabritos e galinhas para serem sacrificados. Finda a cerimónia os participantes abandonam a floresta mas deixam os restos da bebida e comida no local como oferta aos espíritos. No caminho de regresso ninguém deve olhar para trás para o encanto da cerimónia não ser destruído.

Purificação

Os curandeiros dão um banho de algas piladas e sal às pessoas que precisam de ser "purificadas". Os ilhéus rapam a cabeça para demonstrar uma fase de transformação pessoal que sucede este ritual de limpeza. Esta purificação pode ser necessária após um enterro, para "limpar" aqueles que estiveram junto do morto. Nos funerais, utilizam-se estacas de mafurreira para amarrar a viúva do falecido. Se este tiver mais que uma esposa, é apenas a primeira, a "mulher grande" que cumpre este ritual de purificação familiar.

Existiam outras cerimónias que caíram já em desuso na ilha. Este é o caso do "Mbelele", realizada por anciãos em zonas pantanosas ou junto a lagoas. Durante a cerimónia contavam-se estórias em canções e o povo dançava em redor das lagoas.



A inflorescência do canhoeiro antecedente à sua frutificação, assinala o período de maior abundância que se avizinha.

"Nwadeku" - Um Navio Misterioso

Segundo os ilhéus, no ano de 1975, fez-se uma campanha para abolir o poder tradicional na ilha. Todos os habitantes da ilha que se julgasse serem feiticeiros ou curandeiros foram presos. Durante uma reunião realizada pelos feiticeiros para explicar à população da ilha a importância das suas actividades, um deles chamado Teguene fez o seguinte relato:

"Chamo-me Teguene, sou da Província de Inhambane, distrito de Zavala. Saio com os meus colegas no navio do Farol, Nwadeko, com destino a Inhambane, rebocando seis barquinhos, a fim de irmos buscar caju e amendoim. Quando lá chegamos ancoramos o navio longe e saímos com os barquinhos para fora, carregamos os produtos, voltamos ao navio e regressamos à ilha. Durante o trajecto de ida e volta a Inhambane temos de comer carne de pessoas. Por isso quando num ano há muito caju ou amendoim também existe muita mortalidade, sendo os tais que comemos durante a viagem no navio Nwadeko. No navio existem maquinistas, cozinheiros, serventes."

No fim do relato ele disse:

"Poderão arrancar-me estas coisas de feitiçaria mas a população da ilha nunca mais terá caju e amendoim". A partir daquele ano nunca mais houve caju nem amendoim na Inhaca.

Hoje em dia, esta fantasiosa viagem espiritual efectuada pelos feiticeiros usando um barco afundado já não é mais difundida. Este navio misterioso encontra-se afundado perto do farol, na ponta Norte da ilha. Os mergulhadores chamam este local de "reco", um aportuguesamento da palavra inglesa "wreck", enquanto que os ilhéus deram-lhe o nome de "Nwadeku". O barco, SS *Tecush*, encalhou ao largo da Inhaca e era pertença das forças aliadas durante a II Guerra Mundial.

Tradições Familiares

A vida familiar na Inhaca é gerida pelo regime patrilinear. Os filhos homens pertencem ao pai e apenas estes têm direito a serem herdeiros. As filhas casam-se através de lobolo, um pagamento estipulado entre o pai ou o chefe de família e a família do noivo. O pagamento é efectuado à família da noiva em géneros ou em dinheiro, e serve de compensação pela falta que a filha vai fazer no seio familiar. A poligamia é também praticada na ilha. Os homens que possuem meios para sustentarem várias mulheres, casam-se depois da primeira vez, com mulheres cada vez mais jovens.

Os mutis constituem não só o espaço de habitação de cada família mas também uma unidade de produção agrícola e por vezes religiosa como no caso dos curandeiros. Os mutis situam-se num espaço aberto na floresta e os seus limites são delineados por uma paliçada de plantas espinhosas. Normalmente existem duas entradas para o muti. Uma que serve de entrada principal e outra orientada para o mato, lugar de actividades higiénicas da família.

Relativamente à tradição moral, uma das regras fundamentais é o respeito para com os mais velhos, especialmente aqueles pertencentes ao mesmo grupo familiar. Por exemplo, na presença de uma pessoa mais velha, um jovem deve-se sentar sempre num nível mais baixo que a pessoa idosa.

Nascimento

Todas as crianças que nascem são apresentadas à lua durante o quarto crescente. Nesta altura o bebé é depositado sobre cinzas no chão de um lugar sagrado. É uma mulher de idade que pega na criança e apresenta-a à lua. De seguida o recém nascido é erguido por uma criança de sete anos. Esta caminha com o bebé e vai dizendo: "Encontrei o filho! Encontrei o filho!", enquanto a família festeja. O objectivo desta cerimónia é que o recém nascido cresça saudável e não adoça. Outro tipo de protecção como vacinas tradicionais são aplicadas por curandeiros.

Casamento

As festas tradicionais de matrimónio duram oito dias. Na manhã seguinte aos noivos terem dormido juntos pela primeira vez a família quer certificar-se da virgindade da noiva. Se o noivo sai da palhota onde passou a noite e se senta num tronco de árvore, então todos saberão que a noiva já foi "invadida". Mas se, em vez do tronco, o noivo escolhe uma esteira para se sentar então a família certifica-se da virgindade da noiva e todos celebram com alegria.

Enterro

Quando alguém morre na ilha os espíritos dos antepassados são invocados para receber o defunto numa cerimónia que se realiza à sombra de uma árvore frondosa. Manda a tradição que todos os membros de uma família sejam enterrados no cemitério familiar e, com a cabeça virada para norte. Mesmo os familiares que se deslocaram para longe são, sempre que possível, enterrados neste mesmo lugar. Esta tradição baseia-se no desejo dos familiares de terem os seus próximos enterrados a seu lado.

Os mortos deram também origem às "florestas sagradas", porque funcionam como cemitérios de famílias importantes. Existem casos, como bebés e de pessoas doentes ou deficientes, em que o enterro é efectuado junto a zonas com água em vez de terra firme. Este procedimento baseia-se na crença de que estes mortos "atraem a seca". Por isso são enterrados em zonas húmidas como lagoas e pântanos, para que os seus espíritos não afugentem a chuva e não sequem a terra.

Ao longo do tempo deram-se alterações nos rituais fúnebres da Inhaca. Antigamente o tecto da casa do falecido era colocado junto à campa e não havia o hábito de se depositarem flores. Antes o morto era envolvido numa esteira mas hoje em dia já se utilizam caixões.



CONDIÇÕES NATURAIS DA ILHA DA INHACA

A forma como o povo da Inhaca se relaciona com o meio ambiente reflecte-se em tradições e crenças do imaginário local. No seu dia a dia, pescadores e camponeses observam os fenómenos da natureza. É a interpretação destes sinais que gere ainda grande parte das actividades na ilha.

Os ilhéus possuem um conhecimento profundo sobre as implicações do ciclo natural das estações, da lua e das marés. Assim, a boa pesca associa-se às marés vivas durante a lua cheia e, a altura mais propícia para o cultivo é o mês de Setembro, antecedente à época chuvosa nesta região.

O vento que sopra do Sul é normalmente um indicador de tempestades e mau tempo. O vento sopra forte e durante alguns dias os pescadores não se aventuram para longe da costa. Contam os pescadores que, na zona de Machangulo, existe uma pedra chamada Hulo, que assobia quando o vento vem do Sul. Este assobio faz-se ouvir na ilha e avisa que o tempo vai mudar.

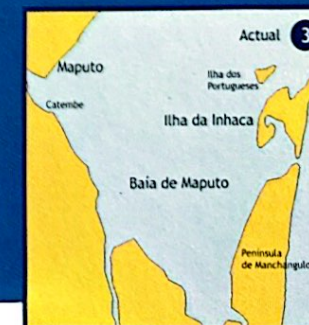
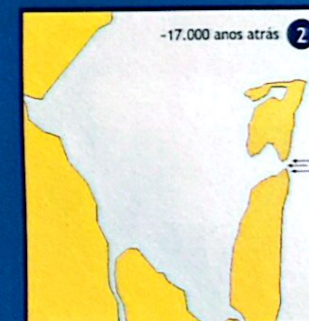
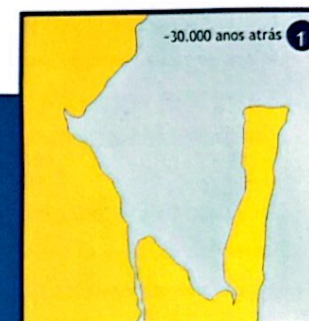
Muitos acreditam que no céu estão escondidas duas grandes pedras e quando Deus ordena, estas pedras encontram-se e lutam entre si. Assim, gera-se a trovoadas e os relâmpagos, origem de muitos medos e superstições na ilha. Quando um relâmpago cai perto do muti, a família convoca um adivinho para retirar o mal que se instalou debaixo da terra. Se este procedimento não é executado a família corre o risco de ter "má sorte".

A Formação da Ilha

A Inhaca nem sempre foi uma ilha, tendo o seu aparecimento resultado da variação do nível das águas do mar nos últimos 20.000 anos. Uma subida das águas do mar provocou um "corte" nesta região dividindo-a em duas partes - a Península de Machangulo e a Ilha da Inhaca.

As três figuras representam a sucessão de possíveis mudanças nesta região.

A figura 1 mostra os limites da península à 30.000 anos. Os corais que existem actualmente em redor da costa da ilha são uma sobrevivência dessa antiga linha costeira. Na figura 2 apresentam-se as variações causadas pela subida do mar desde à 17.000 anos



Clima

A Inhaca está localizada numa zona de transição entre o clima tropical e o temperado quente. Isto faz com que ao longo do ano se distingam apenas duas estações. A estação quente e húmida de Outubro a Abril e a estação fria e seca de Maio a Setembro.

A temperatura média anual é de 23°C, com valores mais altos registados em Fevereiro (37°C) e os mais baixos em Julho (12°C). A época da chuva é mais acentuada nos meses de Janeiro e Fevereiro.

Os ventos Sul e Este são dominantes nesta região. Estes influenciam a configuração topográfica da ilha e são responsáveis pela deslocação de areias nas dunas ao longo da costa.



Ecossistemas Marinhos

O Mar Aberto

As águas do mar ao largo da costa oriental da ilha são ricas em várias espécies de peixes. Entre os mais comuns estão os atuns, xaréus, sardinhas, pequeno peixe voador. Nestas águas encontram-se ainda peixes de bico grande, veleiros e marlins. Principalmente durante os meses mais frios, entre Junho e Agosto, podem ser avistadas baleias em migração da Antárctica até às águas litorais da Província de Inhambane onde se reproduzem. As espécies de baleias mais comuns nesta zona são a baleia Jubarta (*Megaptera novaeangliae*) e a baleia Minke (*Balaenoptera acutorostrata*).

Entre as espécies de golfinhos que habitam estas águas durante todo o ano encontram-se o golfinho Narigudo (*Tursiops truncatus*), o golfinho Corcovo do Indo-Pacífico (*Sousa chinensis*), o golfinho Girador (*Stenella longirostris*), o golfinho comum (*Delphinus delphis*) e o golfinho pintado (*Stenella attenuata*).

Baías

Enseada do Sul

Esta enseada, conhecida como "o Saco da Inhaca", é a zona de mangal mais extensa e importante na ilha. Esta área recebe água doce drenada de dunas e lagoas vizinhas, e água do mar que entra pelo Canal de Santa Maria. Esta zona serve de habitat para inúmeros organismos. No seu fundo arenoso habitam camarões e caranguejos enquanto que nas áreas mais lodosas existem moluscos e crustáceos. Diversas espécies de aves, entre estas o flamingo, procuram o seu alimento entre os canais e baixios desta zona.

Enseada do Norte

A Enseada do Norte da Inhaca é delimitada a Sul pelo mangal, a Este pelo Farol e a Norte pela Ilha dos Portugueses. Para além do mangal, nesta enseada existem também pequenas formações de corais e ervas marinhas. Os seus canais são ricos em peixes, caranguejos, ouriços, poliquetos, bivalves e enteropneustos.

Baía de Maputo

A Baía de Maputo ocupa uma área de 960 km² com águas pouco profundas. Embora as águas da baía próximas do continente sejam turvas por causa dos rios que aí desaguam, o mar em redor da ilha é transparente devido à proximidade e influência do Oceano Índico.

Zona entre marés / Tapete de ervas marinhas

A zona entre-marés consiste na área compreendida entre os limites médio inferior e médio superior das marés vivas. Esta zona ocorre principalmente nas águas calmas do lado Oeste da ilha e está coberta por tapetes de ervas marinhas e algas.

As ervas marinhas não são algas, mas plantas terrestres que ao longo da sua evolução, se transferiram da terra para o mar. Estes tapetes constituem uma importante fonte de alimento para peixes, tartarugas marinhas (*Chelonia mydas*) e dugongos (*Dugong dugon*).

Este último, o dugongo, encontra-se em sério risco de extinção sendo a sua presença nestas águas cada vez mais esporádica. Numa última contagem registaram-se apenas 7 indivíduos nas águas junto à ilha. O dugongo é caçado pela população através das redes de emalhe que vedam o canal de acesso aos

bancos de ervas marinhas onde aqueles mamíferos se alimentam.

Outros animais como estrelas do mar, caranguejos e moluscos habitam esta zona. As folhas secas das ervas são utilizadas pela população como alimento para o gado caprino e estrume para as machambas.

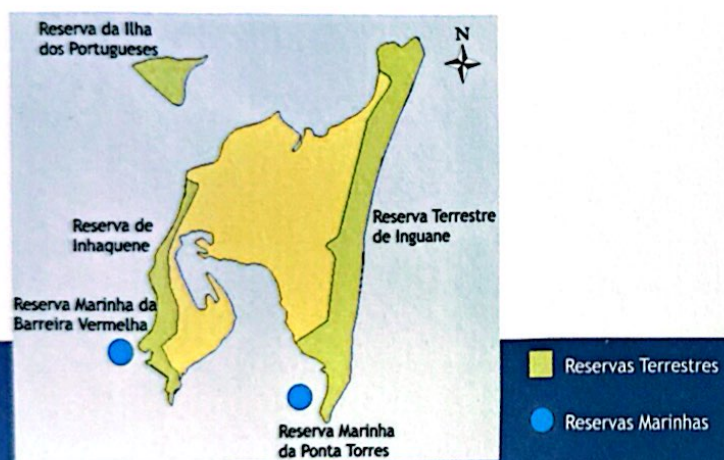
Corais

Os recifes de corais estão entre os ecossistemas naturais mais diversos e produtivos do planeta. Os corais da Inhaca, por serem dos mais austrais do mundo, são considerados biologicamente importantes a nível mundial. Os recifes de coral representam antigos limites da praia em períodos geológicos em que o nível das águas do mar era mais baixo que o actual.



No total quarenta e cinco géneros de corais pertencentes a 16 famílias foram já registados na Inhaca. Os corais são localmente chamados de tikontweni. Alguns, incluindo os corais negros, são raspados de modo a obter-se um pó utilizado na medicina tradicional.

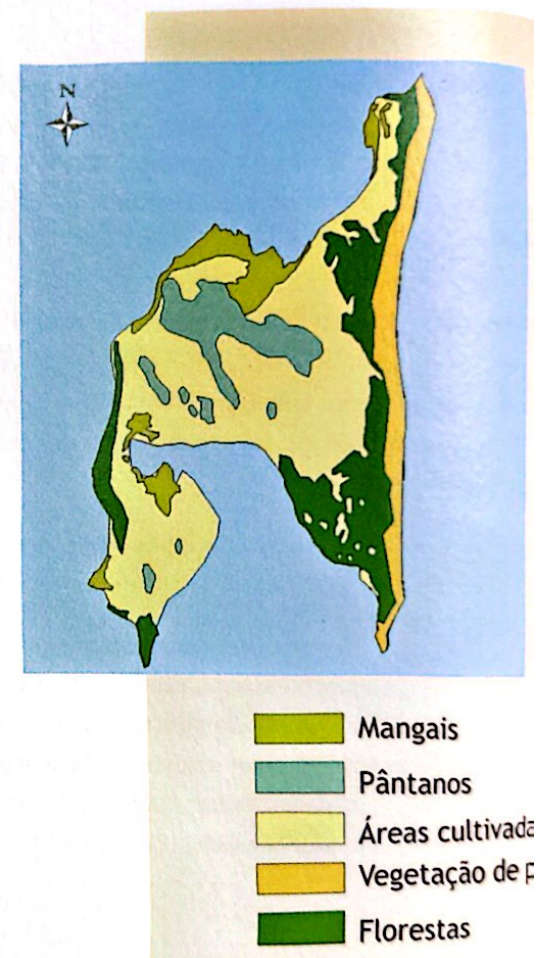
Os três principais recifes da ilha são considerados Reservas Marinhas sob protecção da Estação de Biologia Marítima. Estes recifes são o Coral da Barreira Vermelha, localizado na parte ocidental da ilha, o Coral da Ponta Torres no Sul, e um recife localizado na zona oceânica a cerca de 5 km a Leste da ilha. Existem também corais na Ilha dos Portugueses mas estes encontram-se em mau estado de conservação devido ao movimento de areia provocado pelas correntes marítimas.



O mapa mostra a localização das reservas naturais, marinhas e terrestres, existentes na Ilha da Inhaca. Todas estas são dirigidas pela Estação de Biologia Marítima.

Habitats Terrestres

Na Ilha da Inhaca existem cinco tipos de habitats terrestres - mântanos, vegetação de praia, áreas de agricultura e florestas. Alguns são considerados sagrados por aí se realizarem cerimónias espirituais rodeados de superstições. O mapa seguinte mostra a distribuição de diferentes habitats terrestres na ilha.



► Mangais

O mangal encontra-se disperso por toda a ilha. As quatro espécies de árvores predominantes neste habitat são *Avicennia marina*, *Ceriops tagal*, *Bruguiera gymnorhiza* e *Rhizophora mucronata*. Os mangais têm uma função importante contra a erosão da linha costeira, actuando como uma barreira contra os ventos, ondas e correntes, evitando a progressão do mar sobre a terra. Nos mangais existe uma diversidade de aves e espécies da fauna marinha como o camarão e o caranguejo, que vivem nos mangais em diferentes fases do seu desenvolvimento.

► Pântanos

Nos pântanos a vegetação varia consoante a profundidade e extensão de água existente. A vegetação predominante é o caniço (*Phragmites australis*), e o papiro (*Cyperus papyrus*). Este tipo de vegetação é bastante afectada pela acção do homem na procura de terras para a agricultura e materiais de construção.

► Áreas Cultivadas

A maior parte da área da ilha encontra-se ocupada por terras desbravadas para a agricultura. Esta zona é formada por um mosaico de **machambas** ou áreas cultivadas e campos em pousio, normalmente cobertos de vegetação secundária. Entre as culturas mais comuns está a mandioca, o milho e a mapira. Existem muitas árvores frutíferas nativas como o canhoeiro, a mafurreira e a massaleira e espécies exóticas como o cajueiro, mangueira e papaveira.

► Praias

As praias na Ilha da Inhaca estendem-se em longas faixas de areia branca com algumas formações rochosas. Na costa oriental encontra-se a Reserva Terrestre de Inguane estabelecida para protecção dos ninhos de tartarugas marinhas e florestas dunares. A vegetação existente nas praias arenosas desta costa é chamada de "pioneira" e consiste de plantas e ervas suculentas. Estas plantas são assim chamadas por catalizarem o aparecimento de outro tipo de vegetação neste solo arenoso, incluindo a formação de florestas dunares. Consequentemente, este tipo de vegetação desempenha um papel bastante importante na estabilização de areias na zona costeira.



► Florestas

As florestas dunares encontram-se nas dunas orientais e ocidentais da ilha, mas a actividade humana nestas áreas tem vindo a alterar este tipo de vegetação. Estas florestas são vitais para fixar as areias e proteger a ilha contra os agentes erosivos. Algumas florestas estão protegidas fazendo parte de reservas naturais geridas pela Estação de Biologia Marítima.

As florestas encontram-se rodeadas de lendas e superstições. Desde que a ilha passou a ser habitada que existe o costume de enterrar os seus mortos nas florestas. Hoje, os ilhéus apontam algumas florestas como sagradas, por ser nestas onde os espíritos dos antepassados vivem.

As seguintes florestas são consideradas sagradas por diversas razões:

Floresta Manganhela

Local onde ainda se conduzem as cerimónias da chuva. Alguns contam que Inguane foi morto nesta floresta numa batalha contra o clã dos Manganhelas.

Floresta Thlohotahomo

Os ilhéus acreditam que se esta floresta for cortada, uma seca abater-se-á sobre a ilha. Numa das vezes em que os madunanas do régulo de Matutuine atacaram a ilha, Thlohotahomo escondeu-se em sua casa dentro de um cesto de palha. Os atacantes pegaram fogo à palhota e Thlohotahomo morreu. Diz-se que no lugar onde a palhota estava situada, surgiu esta floresta sagrada.

Floresta Kujama

Esta floresta era "propriedade" de uma família que morreu de uma doença contagiosa.

Floresta Kumakolela

Os ilhéus não entram neste local por receio de virem a ter filhos gémeos.

Floresta Kaxinavane

Conta-se na ilha que a família Xinavane foi trazida por correntes fortes, que houve cheias fortes no continente. Esta foi socorrida pelos ilhéus e conseguiu permanecer na ilha. Os membros da família foram enterrados nesta floresta.



A Protecção das Tartarugas

Todos os anos, entre os meses de Novembro e Janeiro, aproximadamente 40 ninhos são escavados por tartarugas bobo (*Caretta caretta*) e tartarugas de couro (*Dermochelys coriacea*). Em cada ninho são depositados cerca de cem ovos. A tartaruga de couro é a maior de todas as tartarugas marinhas, podendo mesmo pesar 400 quilos. Nove anos após o seu nascimento, as mesmas tartarugas voltam à praia onde nasceram para desovar. O



caranguejo-fantasma (*Ocypode madagascariensis*) é um dos mais conspícuos habitantes das praias. São eles que atacam as pequenas tartarugas acabadas de desovar. A protecção destes ninhos tem sido bem sucedida pois apenas 4% dos ovos postos anualmente chegam a ser roubados pelos pescadores. A Ilha de Inhaca é também uma área de alimentação de outras espécies de tartarugas que nidificam mais a Norte no continente.

Nos meses de Outubro a Novembro, um guarda da Estação de Biologia Marítima chamado Raimundo Singa percorre a pé, todas as madrugadas, 12 quilómetros da costa oriental para apagar as marcas de tartarugas que durante a noite vieram desovar à praia. Deste modo Raimundo despista os pescadores que pretendem levar os ovos e assinala também de forma discreta a localização dos ninhos. Nas suas andanças para proteger as tartarugas, Raimundo já percorreu mais de 39.000Km. Esta distância equivale a duas viagens de ida e volta de Londres a Maputo.





Animais: Superstições, Crenças e Usos

A fauna terrestre e marinha é usufruída de diferentes maneiras pelo povo da Inhaca. Como alimento, os peixes, moluscos e crustáceos são a maior fonte de proteínas para a população. Estes são também utilizados na preparação de remédios tradicionais. Os ihéus muitas vezes observam e interpretam o comportamento de certos animais como premonições para os fenómenos da natureza. Por exemplo, quando os sapos coxam nos pântanos e se as formigas cavam buracos para se esconderem significa anúncio de chuva. Para este povo cheio de superstições, certos animais estão ainda na origem de mitos e crenças.

Répteis

Os répteis, incluindo cobras, tartarugas e lagartos, estão bem representados na ilha.

O varano do Nilo (*Varanus niloticus*) habita junto às lagoas interiores da ilha. Na época da desova, a fêmea escava um buraco num morro-de-muchém para depositar os seus ovos. Se uma pessoa avista um lagarto varano na altura da desova é sinal de azar, e o melhor é desistir de levar a cabo os seus planos



imediatos, pois estes não darão certo. O mesmo acontece com o camaleão quando este deposita os seus ovos num local onde passam pessoas.

O número considerável de cobras deve-se essencialmente à abundante população de ratos existente tanto na Inhaca como na Ilha dos Portugueses.



Licitsu (*Thelotornis capensis mossambicanus*)

Inúmeras superstições e crenças rodeiam as cobras na ilha. Os ihéus acreditam que se uma pessoa se cruza com uma cobra e esta não para é sinal de azar. Isto deve-se ao facto do comportamento normal das cobras seja de se imobilizarem quando se acham na presença de alguém. A víbora sopradora ou xitsatlha (*Bitis arietans*) e a cobra das árvores ou licitsu (*Thelotornis capensis mossambicanus*), são duas das espécies de cobras que provocam tais reacções.

Os ossos da jibóia ou hlasu (*Python sebae*) são usados pelas parteiras tradicionais no caso de haver dificuldades num parto. Os ossos são colocados sobre a barriga da mulher para facilitar o nascimento da criança. Parece clara a analogia entre a dilatação do útero no parto e a elasticidade corporal da jibóia.



Aves

A Ilha da Inhaca é bastante rica em pássaros. Foram já registadas mais de duzentas espécies embora este número varie consoante a estação do ano e os padrões migratórios das aves. A maioria concentra-se nas florestas da ilha. Algumas espécies são residentes permanentes outras, como os flamingos, são visitantes temporários. Estes habitats têm sofrido alterações por parte da população praticante de cortes e queimadas para abertura de novas áreas de cultivo e habitação. Algumas aves fazem parte da dieta dos ilhéus e são caçadas principalmente por crianças. Algumas crenças foram geradas em redor de certas espécies.

Pássaro Martelo

O pássaro martelo (*Scopus umbretta*) ou massele tem um ninho caraterístico feito com pauzinhos e panos. Os ilhéus dizem que o ninho incorpora ainda ossos humanos e de outros animais, e que só um curandeiro o pode destruir. Uma pessoa que destrua o ninho do massele corre o risco de ficar maluca. Os ossos do ninho são usados por feiticeiros para preparar uma das mais potentes vacinas



"anti-feitiço". O paciente enfeitado guarda o preparado em pó junto ao leito onde dorme. Quando a pessoa que encomendou o feitiço surge nos sonhos do paciente, este só tem que abrir o frasco para activar o preparado. Assim, o malfeitor fica nú e paralizado e toda a gente fica a saber quem estava na causa do incómodo.

Coruja

Esta ave nocturna que habita as florestas é localmente conhecida por xicova. O canto deste pássaro em noites sem luar é interpretado pelos ilhéus como um sinal de infortúnio, anunciando a morte ou a aproximação de doença no seio da família que o ouvir. Os ilhéus dizem que os feiticeiros utilizam corujas para transportar maus espíritos durante a noite. Segundo o povo, para se matar uma coruja é necessário correr em volta da árvore onde o animal está empoleirado. O pássaro tenta seguir os movimentos da pessoa mas fica tonto e cai da árvore.



Maçarico-galego

No fim do verão, o maçarico-galego (*Numenius phaeopus*) ou tchitchelele, migra para a Europa ou Ásia, voltando para a Inhaca com as crias no início do verão seguinte. Segundo os pescadores da ilha, este pássaro assinala a mudança de marés. O pássaro voa cantando no sentido da maré. Como são elas que "chamam as marés" os ilhéus consideram estas aves importantes e por isso não as matam.

Corvo Indiano

Embora o corvo não esteja associado a mitos sua presença é marcante. O corvo indiano (*Corvus splendens*) não é natural da ilha. Conta-se que há muitos anos atrás, foi trazido para a ilha um casal de corvos como animais de estimação. Estas aves fugiram e multiplicaram-se até a sua população se tornar na praga actual. Estes distinguem-se do corvo indígena que é maior e apresenta uma mancha branca no peito.

Mamíferos

Porcos selvagens

Os porcos selvagens, segundo a população, surgiram na ilha na década de 80. Uns contam que os porcos selvagens foram perseguidos por cães na zona de Machangulo e ao fugir atravessaram o canal de Santa Maria para a Inhaca. Outros dizem que os porcos foram trazidos para a ilha como "encomenda" enfeitiçada. À medida que a população de porcos foi crescendo aumentaram também os estragos nas machambas da ilha.

Toupeira

A toupeira é conhecida localmente por chitulandlela, aquela que atravessa os caminhos. Os ilhéus usam uma pulseira feita com pele de toupeira para tratar a filária. A analogia desta crença deve-se ao facto da filária ser um parasita que se instala debaixo da pele dos homens deixando rastros visíveis quando se movimenta.

Hipopótamos

Houveram já casos de hipopótamos e mesmo de crocodilos que vieram dar à ilha arrastados por correntes geradas por cheias no continente. Pela ilha não possuir condições naturais propícias estes tiveram de ser abatidos. Os ilhéus contam que os hipopótamos que vieram ter à Inhaca transformavam-se em pessoas desconhecidas que vagueavam pela ilha. Os únicos que sabem "a verdade" são os feiticeiros, que montavam os hipopótamos.

Baleias

Da mesma forma, quando as baleias passam perto da costa comportando-se de uma maneira agitada, saltando fora de água e expondo a cauda ou as barbatanas peitorais, é presságio de chegada de chuvas torrenciais e tempestades para os dias seguintes. O óleo e os ossos da baleia (nkumu) são usados na medicina tradicional e na pintura dos barcos.

Dugongo

Os dugongos (*dugong dugon*) estão na origem dos mitos das sereias. Marinheiros antigos ao verem as fêmeas destes mamíferos amamentarem as crias na posição vertical acreditavam estar na presença de seres humanizados.

Golfinhos

Várias espécies de golfinhos conhecidos localmente como mupswinpswi existem nas águas da ilha. Os ilhéus dizem que os golfinhos trazem sorte na pesca e, por esta razão a sua pesca é interdita. Alguns pescadores acreditam que quando os golfinhos se encontram em grandes grupos e dão saltos altos fora de água significa que se avizinha mau tempo.



Insectos



Louva-a-Deus

Localmente chamado de n' uambiebo, aquele que corta os cabelos. Os louva-a-deus são considerados mensageiros dos deuses. Quando algum destes insectos entra numa palhota ninguém o mata, pois ele pode ser um antepassado que veio visitar os seus descendentes na terra.

Joaninhas

As joaninhas, conhecidas localmente como bomboliças, são insectos associados pelos ilhéus com a boa sorte. Normalmente, quando alguém acha uma joaninha, amarra-a com um fio no tecto, junto à entrada de sua casa. Diz a população que estes insectos vivem anos, alimentando-se apenas do fumo libertado pela fogueira. As mães também amarram este insecto à roupa dos seus filhos para a criança gozar de boa saúde e afastar espíritos malignos.

Gafanhotos

As pragas de gafanhotos, para além de destruírem as machambas da ilha, são também um aviso para os dirigentes da Inhaca e ilhéus de que haverá problemas no futuro.

Formiga alfaiate (*Oecophylla longinoda*)

Assim chamada por fazer ninhos de folhas fixas umas às outras com a seda secretada pelas larvas. Antigamente, quando as formigas mordiam e causavam imensa comichão, estas formigas eram colocadas no corpo de um indivíduo como forma de aplicação de castigos. Hoje, estas formigas são colocadas apenas em árvores de fruto para expulsar as vespas.



Animais Marinhos

Os curandeiros e feiticeiros utilizam certos animais marinhos na preparação de remédios tradicionais. As estrelas do mar, cuja apanha é proibida, são ingredientes de vacinas tradicionais cujo objectivo é "dar sorte".

A parte rija da lula é triturada e o pó utilizado para o tratamento de infecções na vista. As raia e o peixe-balão servem para aliviar dores de reumatismo enquanto a holothúria (*holothuria spp.*), mais conhecida por magajojo, é usada no tratamento da epilepsia ou nhoca.

Alguns peixes, como a garoupa, se forem capturados pelos pescadores anunciam boa sorte. Outras espécies como o peixe-sapo (*Diodon maculifer*) e a chita boxeira (*Secutor insidiator*), cujo nome local é mayntchelane são sinais de má sorte e sempre que se captura um peixe destes os pescadores interrompem a faina do dia.

Peixes venenosos

Existem oito espécies de peixes venenosos na Ilha da Inhaca mas apenas dois deles merecem cuidados especiais, o peixe lacrau (*Synanceia verrucosa*) e o peixe-diabo (*Pterois miles*). Estes peixes ocorrem em zonas pedregosas e de corais. O veneno destes peixes são dos mais poderosos da natureza podendo a sua picada levar à morte. Os espinhos com glândulas de veneno encontram-se localizados na zona dorsal e na base da cabeça.

Alguns peixes venenosos são utilizados para fins medicinais como a produção de antídotos contra mordeduras ou picadas destes próprios peixes. Como

quase todos os preparados da medicina tradicional, estes peixes são secos e depois reduzidos a pó. Esse preparado é aplicado na parte do corpo afectada para aliviar a dor. Outra vacina com o mesmo efeito é produzida com ouriços-do-mar moídos juntamente com folhas de algumas plantas como a chissalala (*Gardenia sp.*). Um método mais comum para aliviar a dor de picadas de peixes venenosos é mergulhar a parte afectada em água bastante quente.

Peixe-diabo (*Pterois miles*)

É um dos peixes mais venenosos existente nos corais e em zonas pedregosas da Inhaca. Ao contrário do peixe-lacrau (*Synanceia verrucosa*), cuja aparência se assemelha a uma pedra, o peixe-diabo exhibe os seus espinhos dorsais venenosos.





Exploração dos Recursos Naturais

O povo da Inhaca subsiste, essencialmente, a partir dos recursos naturais existentes na ilha. Antigamente, a praia, a zona entre-marés e a mata nas redondezas eram espaços geridos pela comunidade mais próxima e somente esta tinha direito à sua exploração. Hoje em dia, os ilhéus pescam em qualquer lado, pois já não existem restrições nem normas tradicionais que regulamentem o uso destes recursos.

A pesca e a agricultura são as actividades dominantes na ilha em que a mão de obra masculina e feminina se complementam. Enquanto os homens dedicam-se à pesca, as mulheres trabalham os campos e apanham moluscos e crustáceos na costa.

A terra, considerada propriedade divina, é distribuída entre as famílias da ilha para exploração agrícola. A agricultura rudimentar praticada encontra-se adaptada às condições naturais da ilha, e deriva de um ajustamento de conhecimentos de culturas e tipos de solos existentes.

Por tradição, nenhuma mulher pode participar nas actividades de pesca. Tal como a caça, a pesca é exclusivamente masculina. No entanto, as mulheres as crianças ocupam-se da colecta de invertebrados na maré-baixa. Essa actividade é, por sua vez, interdita aos homens.

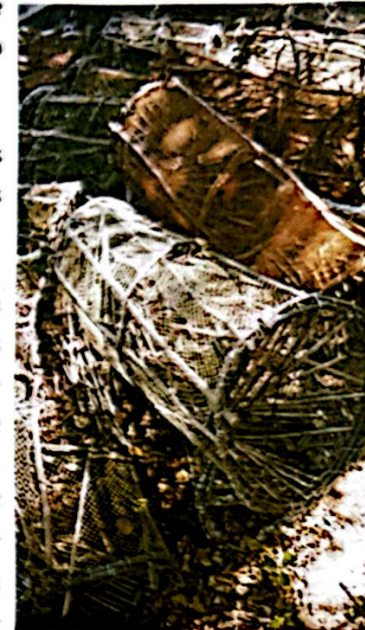
A Evolução da Pesca

Desde o começo da sua ocupação, que os habitantes da Ilha da Inhaca se dedicam à exploração dos recursos marinhos utilizando métodos artesanais. Inicialmente, o peixe era capturado por meio de zagaia e armadilhas. Estas armadilhas, construídas com ramos de mangal, são ainda hoje instaladas próximo do nível mais baixo da maré viva.

Só em meados do século XX, é que as técnicas piscatórias na ilha se tornaram mais sofisticadas.

Na década de 1930, chegaram à Inhaca pescadores gregos. Estes introduziram novas artes de pesca incluindo: pesca à linha, rede de arrasto e de emalhe, a gamboa, e também o uso e construção de barcos à vela. A apanha e o processamento do "magajojo" (holothúria), teve início em 1960 por operadores chineses. Devido à sobreexploração deste recurso a Estação de Biologia proibiu a sua colecta durante um longo período.

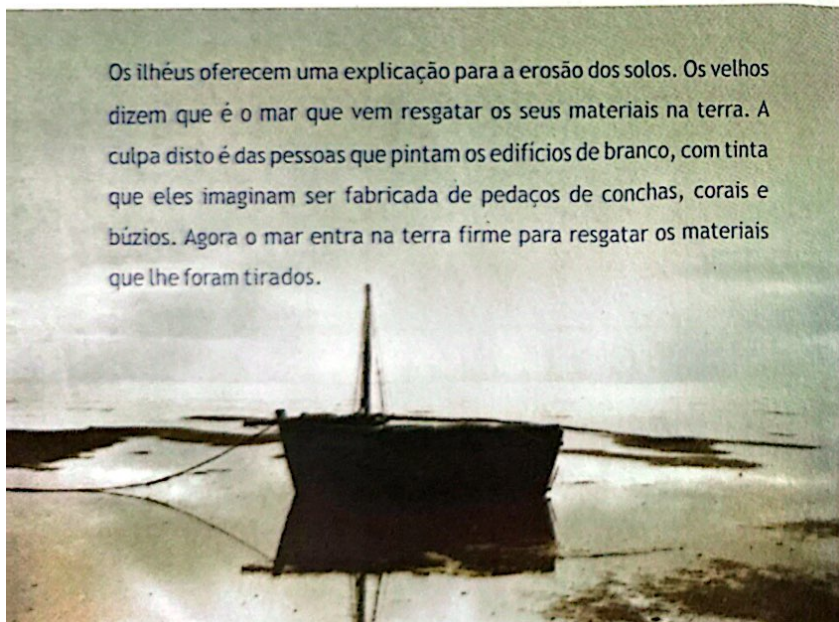
Na ilha é também interdita a apanha de certos invertebrados como o ouriço do mar, mexilhões e ostras em épocas que coincidam com o período de reprodução. Existe a ideia de quem viola este princípio pode ser punido por castigos divinos.



Não é o uso de técnicas de pesca modernas que separam esta actividade das crenças do povo da Inhaca. Por exemplo, os pescadores acreditam que algumas plantas como a xixlowango (*Psydrax locuples*), trazem sorte na pesca e esfregam as suas redes com estas antes de se fazerem ao mar.

Quando um barco é construído, só depois da intervenção de um feiticeiro é que o barco está em condições de entrar na água. O mesmo se passa em relação às redes de pesca. Depois do barco ou rede serem estreados, a sua primeira captura não se vende, mas é consumida numa festa tradicional para dar sorte. Os nomes dos barcos são escolhidos pelo seu dono. Se este tiver mais que uma mulher e atribuir o nome de uma delas a um barco, ele também terá que dar o nome das restantes esposas a outros barcos para evitar confusão entre elas.

Os ilhéus oferecem uma explicação para a erosão dos solos. Os velhos dizem que é o mar que vem resgatar os seus materiais na terra. A culpa disto é das pessoas que pintam os edifícios de branco, com tinta que eles imaginam ser fabricada de pedaços de conchas, corais e búzios. Agora o mar entra na terra firme para resgatar os materiais que lhe foram tirados.



A Evolução Agrícola

Os primeiros registos de culturas na Ilha da Inhaca foram feitos por náufragos portugueses da nau St. Alberto em 1595. Estes fizeram referência à meixoeira, ao feijão indígena e ao gado bovino indígena que era "mocho", ou seja, sem chifres. Hoje, a principal produção animal na ilha é o gado caprino.

O coqueiro foi introduzido na ilha por um comerciante português que se estabeleceu na ilha na década de 1930-1940. Possivelmente, foi ele que veio introduzir também outras culturas como a bananeira, a batata-doce, o milho e o amendoim. Os solos da Ilha da Inhaca são arenosos e pobres. No entanto, os ilhéus têm um certo conhecimento estruturado sobre práticas agrícolas rudimentares. Os ilhéus diferenciam os solos da Inhaca em quatro tipos:

Nhaca - solo fértil localizado nos sopés das dunas vermelhas.

Luandlhe - solo arenoso branco, de baixa produtividade e baixa retenção de água.

Lhipfuma - solo de alta produtividade e alta retenção de água.

Xlhangua - solo preto de alta produtividade.

As espécies mais cultivadas na ilha são: milho, mandioca, mapira, ameixeira, feijão nhemba, amendoim e hortícolas como tomate, couve, cebola e alface. Espécies frutíferas exóticas como o coqueiro, limoeiro e papoeira são também frequentes na ilha. Relativamente às espécies nativas, estas raramente são semeadas. A mafurreira, o canhoeiro, a massala e o mphilo são algumas das espécies nativas mantidas nos campos.

A agricultura na ilha é praticada nas zonas pantanosas e em dunas arenosas outrora cobertas por florestas. O abate e queima das florestas para abertura de terras para cultivo é hoje uma das ameaças mais graves para o equilíbrio ecológico da ilha. A vegetação é normalmente cortada em Julho e deixada a secar até Setembro, quando esta é queimada antes do período da chuva. Nestes solos arenosos a produtividade é relativamente alta nos primeiros anos, pois as cinzas aumentam o teor de nutrientes no solo. Como os ilhéus não fertilizam a terra, os solos tornam-se cada vez mais pobres. Após dois a cinco anos os campos cultivados são abandonados para pousio e novas terras são desbravadas pelo mesmo processo.

Os ilhéus quase não praticam técnicas de irrigação das suas culturas e o sucesso da agricultura na ilha está dependente das chuvas. Assim criaram-se as cerimónias da chuva, realizadas especialmente em épocas de seca que são sinónimo de fome ou danda para os ilhéus.

Durante o ciclo agrícola, os ilhéus participam em vários rituais com diferentes fins. Estas cerimónias foram descritas no capítulo sobre os mitos, lendas e tradições da Ilha da Inhaca.

Muitos ilhéus queixam-se que antigamente as terras produziam mais alimentos. A explicação dos mais antigos para o empobrecimento dos solos é que as pessoas hoje em dia já não seguem as tradições, principalmente os jovens, que dizem que as cerimónias são tradições do passado.



O mais grave problema ambiental da Inhaca deve-se às queimadas e desbravamento das florestas. As queimadas são praticadas pela população à procura de melhores terras de cultivo.

A Exploração das Florestas

As florestas da ilha são exploradas pelos ilhéus para obtenção de lenha e materiais de construção. Para além destes recursos, as florestas são uma fonte de plantas que são usadas na medicina tradicional e de frutos para o fabrico de bebidas alcoólicas tradicionais. Algumas plantas locais estão associadas a práticas, crenças e tabus.

Lenha

A população da Inhaca depende de lenha para cozinhar e aquecimento. O corte de árvores na ilha é efectuado esporadicamente sendo mais utilizados ramos secos e restos de árvores cortadas quando se abrem novas áreas de cultivo.

A tradição interdita que certas espécies sejam usadas para lenha como a *hlangula* (*Euclea natalensis*), cuja raiz a *mlala*, é usada na higiene oral. Ao cortar-se esta raiz só se deve retirar um pequeno segmento de modo a não perturbar a árvore. A transgressão desta norma chama a "má-sorte" sobre o infrator. A *mafurreira* (*Trichilia emetica*) também é objecto de tabús sendo a sua lenha apenas recolhida por mulheres viúvas. São principalmente as árvores de fruto que estão proibidas de serem cortadas e usadas como lenha.

Materiais de construção

A maioria das habitações na ilha são construídas com materiais locais recolhidos nas florestas e mangais. escolha de espécies para construção depende essencialmente da sua durabilidade. O caniço (*Phragmites* spp.) é um dos materiais mais usados. Contudo, o corte do caniço obedece a

regulamentos antigo sendo só efectuado depois da época da floração. Antes do corte do caule enfraquece o crescimento da planta.

Plantas de Uso Medicinal

Existem muitas espécies de plantas locais que são utilizadas na preparação de medicamentos tradicionais. Embora o conhecimento relativo à sua aplicação seja dominado pelos praticantes de medicina tradicional, a população também colhe ou cultiva algumas destas plantas junto às suas habitações.

A seguinte listagem descreve as espécies mais utilizadas pela população para fins medicinais.

Usadas no tratamento de disenteria

Konono (*Terminalia sericea*)
Sizumbu (*Cladestomone kirkii*)
Kalhu (*Tabernaemontana elegans*)

Usadas no tratamento de diarreias

Mphilo (*Vangueria infausta*)
Konono (*Terminalia sericea*)
Canhe (*Sclerocarya birrea*)
Kulhu (*Trichilia emetica*)
Kalhu (*Trichilia elegans*)

Usadas no alívio de dores do estômago

Mphilo (*Vangueria infausta*)
Konono (*Terminalia sericea*)
Umpumbulu (*Cardyogone africana*)
Munangati (*Bridelia cathartica*)
Canhe (*Sclerocarya birrea*)
Sizumbu (*Cladestomone kirkii*)

Frutos

Na ilha existem 44 espécies indígenas de fruteiras. Os frutos são um importante suplemento alimentar, muito valorizado pelos ilhéus devido à fraca produtividade dos solos. O fruto do canhoeiro possui concentrações de vitamina C bem superiores às de qualquer citrino. No entanto, a comercialização deste fruto é interdita por razões de tradição. Espécies nativas como o canhu, impibi, n'sala e o mulhu, e exóticas como a papaia são usadas localmente na produção de bebidas alcoólicas.

O nome pelo qual quase todas as bebidas alcoólicas tradicionais são vulgarmente conhecidas é "tontonto". Esta expressão deriva do som contínuo produzido por pingos da bebida fermentada que caem dentro do alambique. Na imagem, um alambique tradicional na Inhaca.



A lista seguinte apresenta os frutos mais comuns e uma descrição de como estes são usados pela população.

Coco (*Cocos nucifera*)

Usado principalmente na confecção de refeições e doces. O lanche ou líquido do fruto verde é bastante refrescante. Do coqueiro é extraída a "sura", uma bebida tradicional fermentada.

Ncaju (*Anacardium occidentale*)

A sua amêndoa é usada na preparação de comida e do fruto se faz bebida fermentada e aguardente (xicadjú).

Papaia (*Carica papaya*)

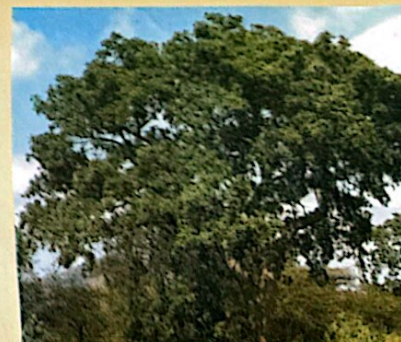
Consumida como fruto ou na preparação de aguardentes.

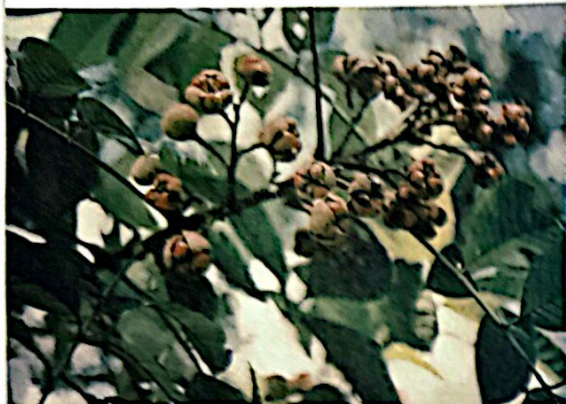
Manga (*Mangifera indica*)

Consumida simples ou em compota.

Canhu (*Sclerocarya birrea*)

O fruto é usado na preparação de bebidas fermentadas enquanto que a amêndoa é utilizada na preparação da comida local.





Kulhu
(*Trichilia emetica*)



Impibi
(*Garcinia livingstonei*)



Kindzo
(*Phoenix reclinata*)

Kulhu (*Trichilia emetica*)

O fruto é usado na preparação de comida e o seu óleo é extraído para fins medicinais.

N'sala (*Strychnos spinosa*)

Consumido simples ou adicionada a papas de milho.

Mphilo (*Vangueria infausta*)

Consumido simples ou misturado com açúcar e utilizado no fabrico de bebidas fermentadas.

Tsole (*Mimusops caffra*) e Impibi (*Garcinia livingstonei*)

Usado principalmente no fabrico de bebidas fermentadas e sumo.

Mulhu (*Syzygium cordatum*) e Kindzo (*Phoenix reclinata*)

Consumido simples ou utilizado no fabrico de bebidas tradicionais. O kink palmerinha da praia merece o seu nome científico porque como o mi Phoenix, renasce das cinzas.

Outras plantas

Algumas das espécies herbáceas que crescem espontaneamente são comestíveis e muito utilizadas pela população na sua alimentação. Este é o caso da cacana (*Momordica balsamica*), feijão nhemba (*Cajanus cajan*) e t (*Amaranthus spinosus*).



Impacto
Projectos e Estudos Ambientais
2001



Ilha da Inhaca

Mitos e Lendas na Gestão Tradicional dos Recursos Naturais